

**OS SERTÕES REVISITADO:
UM RELATO DAS DESVENTURAS DE TRADUÇÃO DA
OBRA EUCLIDIANA PARA A LÍNGUA ALEMÃ**

Mauricio Mendonça Cardozo
UFPR

“ *O estranho território [...] predestinava-se a atravessar absolutamente esquecido os quatrocentos anos da nossa história. [...] Deixavam-no de permeio, inabordável, ignoto.*” Assim o autor de *Os sertões* iniciava a descrição da “Terra ignota”, logo no primeiro capítulo da primeira parte de sua obra. Se, por um lado, devemos em grande medida a Euclides da Cunha a possibilidade de rememoração do ocorrido no sertão baiano e a inserção do cenário, dos fatos e das personagens tanto em nosso horizonte histórico quanto literário, por outro lado, devemos à bravura e à persistência de alguns bandeirantes interlingüísticos, no que diz respeito ao destino da obra além das barreiras lingüísticas, o não-cumprimento dessa quase maldição do esquecimento.

Publicado em 1902, *Os sertões* foi contemplado, já em 1938, com a sua primeira tradução integral, neste caso para o idioma espanhol. Seguiram-se a esta a tradução para o inglês norte-americano, em 1944, para o sueco, em 1945, para o francês, em 1947, para o dinamarquês, em 1948, para o italiano, em 1953, para o holandês, em 1954, e para o chinês, em 1959.

Mas é somente em outubro de 1994, 92 anos depois da primeira edição da obra no Brasil, que se publica na Alemanha a primeira edição traduzida d’*Os sertões*, com o título de *Krieg im Sertão* (“Guerra no Sertão”), resultado de uma empreitada realizada ao

longo de vários anos pelo tradutor e professor do Instituto Latino-Americano da Universidade Livre de Berlim, Berthold Zilly. A repercussão da publicação da obra na Alemanha foi imensa, merecendo resenhas nos jornais e revistas de maior circulação do país e sendo agraciada com vários prêmios, entre eles o conceituado Prêmio Wieland de tradução (1995). No Brasil, os ecos da repercussão alemã também motivaram a publicação de vários artigos, tanto na imprensa em geral, quanto no meio acadêmico.

É de se estranhar, porém, que uma cultura tão conhecida por sua tradição de tradução tenha aguardado quase um século para incorporar a sua língua uma obra já traduzida anteriormente para tantos outros idiomas. Será que a obra impunha aos tradutores alemães obstáculos lingüísticos tão intransponíveis que inviabilizassem a sua tradução? Desse ponto de vista já havíamos tido uma grande amostra de arrojo na empreitada do tradutor alemão Curt Mayer-Clason, que levou a termo a tradução da obra *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Será que o desafio de reconstruir um sertão no espaço lingüístico alemão representava um fator tão limitador?

Recepção d'Os sertões entre leitores teuto-brasileiros: as primeiras traduções

A hipótese de desinteresse pela obra parecia, já de partida, a menos provável. E, de fato, foi descartada definitivamente com base nos vários excertos da obra euclidiana, traduzidos e publicados nas décadas de 40, 50 e 60 em revistas teuto-brasileiras de circulação no Rio de Janeiro e no sul do país.

Os dois primeiros excertos da obra, traduzidos para o alemão, foram publicados em 1941, na revista *Intercâmbio*. Um deles (*Intercâmbio*, 1941, nr. 4-6) é a tradução do clássico texto “O Sertanejo” (*Der Sertanejo*), extraído do terceiro capítulo da segunda parte da obra (“O Homem”), traduzido por Dr. K. Wirtz - nascido em Colônia, na Alemanha, em 14.06.1903. O outro (*Intercâmbio*,

1941, nr. 4-6), traduzido por Juanita Schmalenberg Bezner - nascida no Rio de Janeiro em 01.12.1908 -, representa os textos “A seca” e “Insulamento no deserto”, do mesmo capítulo de “O Sertanejo”. Essa mesma tradução é republicada, em 1960, na revista *Serra-Post Kalender* (1960, p. 109-112), acompanhada, então, de um artigo de apresentação, também em língua alemã, intitulado “Euclides da Cunha” e assinado por Dr. Martin Fischer (*Serra-Post Kalender*, 1960, p. 105-108). Nesse artigo, o autor reflete sobre a repercussão da obra nos primeiros anos que se seguiram a sua primeira edição, insere a obra de Euclides num diálogo com outros escritores brasileiros que desviaram o seu olhar do litoral para o interior do Brasil, como José de Alencar (*O Sertanejo*), o romântico Bernardo Guimarães, Afonso Arinos (*Pelo Sertão*) e Valdomiro Silveira, o criador do regionalismo paulista. Mas também menciona a recepção negativa da obra no Brasil por parte de alguns críticos, como João Ribeiro, que criticava a falta de exatidão científica do autor, ou ainda Joaquim Nabuco, em sua crítica ao estilo euclidiano, quando afirma que a obra parece ter sido “escrita com cipó”. Martin Fischer faz ainda algumas considerações a respeito da tradução sueca (1945), que julga ser um grande fracasso, e da tradução americana, por Samuel Putman (1944), de quem fala como o responsável por tornar o estilo euclidiano acessível ao leitor de língua inglesa. A respeito de traduções da obra para a língua alemã, Fischer afirma conhecer várias tentativas parciais, algumas delas publicadas, mas cita apenas a tradução de Friedrich Kiefer (provavelmente do texto “A seca”), publicada no semanário *Deutsches Wochenblatt* (Rio de Janeiro), e a tradução de Juanita Schmalenberg Bezner, que o seu artigo prefacia.

A tradução anunciada

Em 1947, por ocasião do evento “Semana Euclidiana”, em São José do Rio Pardo, o professor de alemão Karl Schwarzenbach -

nascido em Kaufberen, Alemanha, em 23.10.1900, perseguido pela GESTAPO na Alemanha e na Áustria e, por essa razão, radicado no Brasil desde 1938 - anuncia estar na fase final da tradução d' *Os sertões*, mas pondera a possibilidade de publicação da obra em sua terra natal, devido à situação política de seu país ("A impressão que a obra de Euclides da Cunha causa a um alemão". In: *Comemorações Euclidianas*, 1947, p. 45-53). Em 1948 Karl Schwarzenbach dá a público o término da tradução, sendo agraciado, em seguida, com a Medalha Euclides da Cunha. A notícia encontra grande repercussão na imprensa paulista, mas somente em 1954 o público tem acesso a uma parcela impressa dessa tradução: em doze edições (10 de julho a 25 de setembro de 1954), o semanário *Deutsches Wochenblatt* publica, em tradução, o último capítulo da obra euclidiana ("Últimos dias") com o título em alemão *Die letzten Tage von Canudos* (*Deutsches Wochenblatt*, Rio de Janeiro, nº.28-39, 10 jul.1954 - 25 set.1954). No próprio artigo de apresentação à tradução de Karl Schwarzenbach, o articulista chega a lamentar o fato de a tradução ainda não ter sido publicada em livro: "É lamentável que tenhamos uma tradução francesa, inglesa, sueca e dinamarquesa, mas que uma alemã ainda não tenha aparecido" (*Deutsches Wochenblatt*, nº.29, 10 jul.1954, p. 4).

Na Bibliografia publicada na edição das Obras Completas de Euclides da Cunha (*Obra completa*, vol. 1, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p. 65), faz-se menção à publicação da tradução de Karl Schwarzenbach com o título alemão *Die Sertões*. Apesar de indicar o local de publicação, Hamburgo, a referência é confusa, pois arrola a tradução alemã, juntamente à tradução chinesa, segundo o ano de sua publicação (1959), embora acrescentada à referência bibliográfica da tradução alemã a sigla "s.d." (sem data). Incongruências bibliográficas à parte, infelizmente não se tem conhecimento de nenhuma cópia publicada dessa tradução. O próprio Berthold Zilly afirma ter procurado por essa tradução, mas sem sucesso. Enfim, até que se prove o contrário, o que se tem da tão anunciada tradução integral de Schwarzenbach é apenas a tradução

de mais um excerto, e o lamento por muito trabalho em vão.

Em 1966, por ocasião do centenário de nascimento de Euclides da Cunha, Ulrich Gogarten (nascido na Alemanha em 05.12.1889) publica, na revista *Intercâmbio* (1966, nr. 1-3), a sua tradução para a língua alemã do texto “O Sertanejo”, com um texto de apresentação da vida e obra do autor de *Os sertões* (em português, inglês e alemão), fotos do autor em campanha, fotos de sua infância, mapa com o itinerário das expedições enviadas contra Canudos e, certamente uma raridade, a tradução para o alemão, assinada por um tradutor de nome Thomas, de um poema de Euclides intitulado “Dedicatória”: “Se acaso uma alma se fotografasse / De sorte que, no mesmo negativo, / A mesma luz pusesse, em traços vivos, / O nosso coração e a nossa face; [...]” (*Obra completa*, vol. 1, Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p. 729).

A partir desses dados, a história da recepção da obra euclidiana em língua alemã apontava para um caso intrigante. Apesar de sua grande repercussão entre intelectuais teuto-brasileiros, como provam as várias traduções parciais do território euclidiano, enumeradas acima, não havia provas de que algum desbravador tivesse se arriscado a atravessar *Os sertões* completamente, sem sofrer o peso das palavras de Euclides. “*O estranho território*”, que a obra de Euclides representava, parecia predestinado “*a atravessar*” a sua história “*absolutamente esquecido*” pela grande comunidade leitora de língua alemã. “*Deixavam-no de permeio, inabordável, ignoto.*”

Em busca da tradução perdida

Em 1997 surge uma nova luz. Havia rumores de que um intelectual chamado Erich Fausel, nascido em Reutlingen, Alemanha, em 4 de fevereiro de 1904 e radicado em São Leopoldo, RS, desde o início da década de 30, havia trabalhado na tradução da obra de Euclides. Uma visita à biblioteca da Escola Superior de

Teologia (EST) dessa cidade comprovou a existência de documentos que apontavam para a passagem por ali de um intelectual muito ativo, cuja obra abrangia, entre outros, biografias e artigos sobre as comunidades de imigrantes alemães no sul do país, estudos sobre a evolução lingüística dos dialetos alemães no Brasil, contos, peças de teatro e poemas. Mesmo não encontrando nenhuma referência a sua atividade como tradutor na biblioteca dessa faculdade (EST), em que ele havia trabalhado como professor de História da arte e de Literatura, a dimensão de sua atividade intelectual motivou a continuação da busca.

O contato com professores da Unisinos e da UFRGS comprovava os boatos da atividade de Fausel como tradutor, mas também aumentava o seu caráter anedótico. Vale como exemplo o caso do depoimento de uma pessoa que jurava ter tido em mãos os manuscritos dessa tradução que, infelizmente, apesar de bem guardados em cofre, haviam sido roubados por ocasião de um assalto a sua residência: um assalto com o propósito único de furtar tal tradução. A despeito da plausibilidade e da verosimilhança desses relatos, eles pouco contribuíram para encontrar a tradução.

Contudo, foi em uma conversa informal com o Professor Dr. Dreher, da Unisinos, que surgiu a informação mais valiosa: uma parte do espólio de Erich Fausel teria sido levada para um arquivo (*Schillerstadtsarchiv*) na cidade de Marbach, na Alemanha, mas havia a possibilidade de uma porção deste ter ficado no Instituto Hans Staden, em São Paulo.

A primeira visita à Biblioteca do Instituto Hans Staden não foi muito reveladora. Dentre os livros catalogados, nada havia a mais do que em São Leopoldo. Mas a segunda visita, que consistiu em revirar amontoados de embrulhos e teve como conseqüência direta uma crise de rinite na gentil bibliotecária, apresentava como resultado um “achado”.

***Os sertões* de Fausel**

Em 526 páginas datilografadas, Erich Fausel desbravava *Os sertões* e reconstruía, no universo lingüístico germânico, o “estranho território” euclidiano. Mas este, apesar de todo o esforço despendido, ainda estava longe de ser salvo da ameaça de esquecimento. Como meio de divulgação da obra e de sua tradução, completada provavelmente em 1958, Fausel consegue, em 1959, que parte desta seja lida num programa de leitura de obras literárias da Rádio *Südwestfunk* (Emissora de Radiodifusão do Sudoeste da Alemanha), sob o título de *Der heilige Hinterwäldler: Ein Fanatikerkrieg im brasilianischen Busch*. Nesta altura, vale mais um comentário do título, do que a sua tradução: não obstante a dificuldade de tradução do título da obra original para o alemão, o recurso da paráfrase é marcado, aqui, com uma carga algo exótica, algo ideológica, que se acumula na soma do adjetivo “*heilig*” (santo) ao substantivo *Hinterwäldler* (homem simples, primitivo, matuto ou caipira - não urbano) e se acentua, tanto na opção pelo substantivo *Fanatikerkrieg* (guerra de fanáticos, ou de um fanático) quanto na opção pelo substantivo *Busch* (mato ou vegetação tropical, geralmente associada à geografia africana) como tradução para *sertão*. No entanto, tudo indica que a opção por esse título seja de responsabilidade dos editores daquele programa de rádio, ainda que com a anuência do tradutor, já que o título que se lê datilografado sobre a primeira página da tradução é *Im brasilianischen Busch: Der Sertão (Kampf um Canudos)*, onde o autor recorre também ao termo “*Busch*”, mas sem deixar de especificá-lo ao mencionar a palavra “*sertão*”, e acrescenta ainda o subtítulo entre parêntesis “Luta por Canudos”.

Apesar dos seus esforços de divulgação, Erich Fausel também encontra dificuldades em publicar a sua tradução. Em carta datada de 15 de agosto de 1960, a Associação Alemã do Livro (*Deutsche Buch-Gemeinschaft*) responde negativamente, ainda que não em definitivo, ao pedido de avaliação da obra para publicação, alegando

que o responsável por tal tarefa havia se desligado da respectiva seção editorial e prometendo passar o encargo para o novo editor.

Em 1961, Fausel publica, no *Almanaque do Sínodo Riograndense* (1961, p. 55-62), um excerto de sua tradução, o mesmo lido na Rádio *Südwestfunk*. Não há, porém, a partir dessa data, nenhum outro registro de publicação de sua tradução. O último desbravador d'*Os sertões* da geração anterior à guerra morre, no dia 20 de junho de 1963, em São Leopoldo, sem ver publicada a sua tradução.

Entre os vários documentos interessantes que compõem a parte do espólio de Fausel à disposição na Biblioteca do Instituto Hans Staden, em São Paulo, encontra-se o rascunho da estrutura de um prefácio à tradução da obra de Euclides, organizado segundo os seguintes tópicos: “Biografia de Euclides”, “Gênese da obra”, “Síntese da história”, “A situação do Nordeste” e “A atualidade da obra”. Além disso, não se pode deixar de mencionar, também, os manuscritos da tradução integral (93 páginas, 1940) da obra *Iracema*, de José de Alencar, e uma lista de obras a serem traduzidas, contendo as obras *O Coruja*, *O Mulato*, *O Cortiço* e *Casa de Pensão*, de Aluísio Azevedo. Isso tudo parece apontar para a necessidade de um estudo mais aprofundado sobre a vida e a obra desse intelectual alemão que, por mais de 30 anos, serviu de intermediador cultural do universo brasileiro e alemão.

A história da tradução da obra euclidiana para o alemão parece sugerir que “o tradutor é, antes de tudo, um forte.” Mas nem o interesse e esforço de toda uma geração de intelectuais teuto-brasileiros, nascidos na virada do século XIX para o século XX, conseguiu superar os obstáculos editoriais e tornar a obra de Euclides da Cunha acessível ao público alemão, tarefa esta que só seria cumprida, e com grande mérito, por Berthold Zilly em 1994, curiosamente um representante da geração do Pós-Guerra.

Fica a lembrança. Como se não bastasse o desafio de traduzir uma obra como *Os sertões*, tradutores como os apresentados nesse artigo, por vezes visionários, parecem ter pela frente muito mais do que uma batalha textual a enfrentar.

Bibliografia

CUNHA, Euclides da. *Obra Completa*, vols.1 e 2. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995.

_____. “Der Sertanejo”. (Trad. K.Wirtz). In: *Revista Intercâmbio*, nº.4/6, São Paulo, 1941. (p. 216-217)

_____. “A seca” e “Insulamento no deserto”. (Trad. Juanita Schmalenberg Bezner). In: *Revista Intercâmbio*, nº.4/6, São Paulo, 1941. (p. 64-67).

Reedição da mesma tradução in: *Revista Serra-Post Kalender*, 1960. (p. 109-112)

_____. “Die letzten Tage von Canudos”. (Trad. Karl Schwarzenbach). In: *Deutsches Wochenblatt*, Rio de Janeiro, nº. 28-39 (10 de julho a 25 de setembro de 1954).

_____. *Im brasilianischen Busch: Der Sertão (Kampf um Canudos)*. (Trad. Erich Fausel). Manuscrito da tradução integral da obra de Euclides da Cunha, prov. 1958, (526 páginas).

_____. “Die Sertões oder der heilige Hinterwäldler: Ein Fanatikerkrieg im brasilianischen Busch”. (Trad. Erich Fausel). In: *Almanaque do Sínodo Riograndense*, 1961. (p. 55-62)

_____. «Der Sertanejo». (Trad. Ulrich Gogarten). In: *Revista Intercâmbio*, nº.1/3, São Paulo, 1966. (p. 57-58)

_____. *Krieg im Sertão*. (Trad. Berthold Zilly). Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1994.

FAUSEL, Erich. Espólio do autor, Biblioteca do Instituto Hans Staden, São Paulo.

FISCHER, Martin. “Euclides da Cunha”. In: *Revista Serra-Post Kalender*, 1960. (p. 105-108)

RODRIGUES, Ana Imanishi. “Os sertões em alemão: Krieg im Sertão”. In: Caros Amigos, ano 2, nº.15, junho 1998. (p. 22-23)

SCHWARZENBACH, Karl. “A impressão que a obra de Euclides da Cunha causa a um alemão”. In: Comemorações Euclidianas, 1947. (p. 45-55)

ZILLY, Berthold. “Euclides da Cunha na Alemanha”. (Tradução de Marcus Mazzari do posfácio à tradução alemã d´Os sertões). In: Estudos Avançados, nº. 26, São Paulo, USP, abril de 1996. (p. 329-350)